

Resenhas

Daniel Innerarity. 2001. *Ética de la Hospitalidad*. Barcelona: Ed. Península. 222 pp. ISBN: 84-8307-324-2.

Daniel Innerarity nasceu em Bilbao em 1959, actualmente é professor titular de história da filosofia na Universidade de Zaragoza e propõe, neste livro, uma *ética da hospitalidade*, a partir de um enfoque mais humano dos problemas vitais da nossa época. No entanto, o autor renuncia a oferecer pautas para a ética, preferindo iluminar os intrincados e contraditórios caminhos da modernidade para que cada um arrisque eleger o seu. De acordo com Innerarity, não vivemos numa época desmoralizada. O que acontece é que a complexidade do mundo contemporâneo faz com que as nossas opções e decisões sejam bastante mais matizadas que em outras épocas. No tempo hodierno, desapareceram os sistemas coerentes e completos de orientação. Agora temos que construir as nossas próprias opções, como uma espécie de *bricolage*. Mas isto não supõe uma insuficiência moral. Antes exige, na perspectiva deste autor, um senso de coragem para encontrar valores e orientações mais inventivas, em comparação com aqueles que dominaram na moral tradicional e que deixavam pouco espaço para a iniciativa pessoal. Neste sentido, Innerarity recorre à metáfora universal *hospitalidade* para articular a sua reflexão sobre ética actual e futura. Assim, de acordo com o paradigma de que ‘todos somos hóspedes uns dos outros’ (p.13), pode pressupor-se que existe na sociedade uma contraprestação de serviços que não segue os critérios da estrita reciprocidade. O autor utiliza a relação anfitrião-hóspede como metáfora da dimensão moral humana e das suas consequências na vida concreta quotidiana do mundo contemporâneo.

A sociedade está estruturada pelo modelo mercantil, inclusive ao nível da política, mas há outro conjunto de acções, provavelmente as mais relevantes do ser humano, onde não operam esses critérios. As éticas clássicas que nos ensinaram gravitam fundamen-

talmente em torno da autonomia, autodeterminação, soberania, auto-suficiência pessoal e, normalmente, não consideram aspectos como a vulnerabilidade, imprevisibilidade e o desejo de reconhecimento. Neste contexto, Innerarity, refere que a grande necessidade cultural dos nossos tempos assenta na tônica da passividade, da patética e da vulnerabilidade. Expressa-nos uma consideração da realidade não tanto como algo poderoso, imutável à mudança, mas uma realidade onde existe um ser que fala uma linguagem não imperativa, que é a linguagem daquele que necessita de ser cuidado, a linguagem do frágil e do vulnerável, sendo este o grande desafio da ética contemporânea.

Segundo Innerarity, somos soberanos em poucos aspectos da nossa vida, uma vez que estamos muito mais rodeados por solicitações que o mundo nos faz ou por coisas que nos passam ao lado. Virtudes como a serenidade ensinam-nos a fazer algo quando não há nada a fazer e, sem essa lição, a ética estaria incompleta. Por isso, há que dar lugar a formas que não são nem autonomia plena do sujeito, nem tão pouco uma heteronomia contrária à dignidade da pessoa, fórmulas que Nietzsche apontava quando referia que temos que estar à altura do azar. Ou seja, inventar fórmulas de colaboração com o destino, fugindo à rígida contraposição Kantiana e racionalista entre o que o mundo faz de nós e o que nós fazemos do mundo, é a proposta de Innerarity.

O ser humano que enfrenta os acontecimentos e o azar é, para Daniel Innerarity, um herói que aproveita as circunstâncias para encontrar a felicidade. A felicidade não nos acontece fortuitamente ou com absoluta gratuidade, nem é também o resultado de um esforço consciente e deliberado para a conseguir. Quantas pessoas são infelizes, porque precisamente perseguem a felicidade? Mas, por outro lado, para ganhar a lotaria é preciso jogar. A diferença entre o herói épico e o pequeno herói da nossa sociedade é que o primeiro sabia perfeitamente o que queria – Ulisses seria o paradigma – e entre

ele e a sua meta apenas havia objectivos que vencer. Mas, desde que se constituiu o mundo moderno e se inventou a novela, os paradigmas de orientação moral, são para nós, personagens literárias, e isso supõe aceitar que, no fundo, não sabemos plenamente o que queremos, mas apenas aproximadamente.

A figura do cuidador é introduzida por Daniel Innerarity para referir que ‘depois dos construtores e dos revolucionários, são os cuidadores que são chamados a governar uma nova época’ (p.17). Segundo esta perspectiva, as grandes utopias, os grandes esforços utópicos estão a esgotar-se e transformaram-se em estratégias de cuidado, de recuperação e protecção, dando, como exemplos, o meio ambiente, os imigrantes ou o património histórico. O autor considera que estamos a dedicar agora mais esforço a tudo isto do que, propriamente, a transformar a realidade. Esta situação responde, no fundo, a uma velha suspeita que viria a inverter a célebre tese de Marx, na medida em que temos estado muito tempo a procurar transformar a realidade e o que necessitamos é que alguém nos ajude a compreendê-la. Também neste contexto, o autor dá um interessante exemplo. Nos anos 1970, a grande questão social era a alienação, todos lutavam para não estar alienados. Como as instituições sociais eram muito poderosas, procurava-se que não absorvessem demasiado as pessoas, preservando-se um remanescente de identidade fora do controle social. Mas hoje em dia, porém, temos a ideia de que o social funciona, porque se limita o número de membros que tem acesso ao lugar onde se reparam as oportunidades. Por isso, em vez do imperativo da desalienação, o que todos solicitam agora é o imperativo da inclusão – nos serviços sociais, no mercado de trabalho, na sociedade.

Neste argumento, Innerarity assume também uma posição face à filosofia. Assim, refere que a filosofia não deve ser extensa, porque a vida é breve e a filosofia é vida. A filosofia é uma maneira de esboçar problemas onde as pessoas não os vêem. E isto nada tem a ver, segundo este autor, com a filosofia comercial dos livros de auto-ajuda que, na maioria dos casos, apenas fornecem soluções ligeiras e imediatas. Se a filosofia pode fazer alguma coisa em relação à política, à ética ou à estética, é assinalar, às vezes de forma incómoda, que existem problemas onde

os responsáveis oficiais dessas matérias acreditavam que não os havia. Assim a hospitalidade, para Innerarity, ‘revela-se principalmente como uma categoria antropológica central quando se compreende que as coisas que mais nos competem, não as tínhamos elegido, que a passividade antecede a actividade’ (p.14). Esta constatação significa que somos portadores de encargos pessoais e sociais, alguns deles de importância dolorosa, ainda que nem sempre somos os responsáveis pela sua origem ou nem sequer os escolhemos. Especialmente através da metáfora do hóspede que não é convidado, ou que se demora mais tempo do que estávamos à espera, Innerarity caracteriza as situações humanas em que a iniciativa corresponde aos outros e a necessidade de se ter uma postura ética fundamentada na abertura ao ‘estranho’ (p.141). Fácil é querer a quem nos quer, ou tratar bem a quem nos quer bem, e talvez por isso há apenas um pequeno passo, que nos pode conduzir a cometer injustiças, negando ao outro o que é seu, atribuindo-lhe condutas e intenções inexistentes, deixando-nos levar pela apreensão, fazendo comentários malévolos, vedando a fama e o bom nome de pessoas, cuja única debilidade foi manterem o seu legítimo direito a serem diferentes.

A figura do anfitrião, introduzida metaforicamente pelo autor, na relação com o hóspede, significa o atendimento e cuidado para com o outro. Não só o aceitamos, como nos vinculamos a ele. Estamos atentos às suas necessidades e procuramos antecipar os seus desejos, facilitando-lhe os seus movimentos, dado que o anfitrião conhece o mundo e o tempo onde o seu hóspede acaba de chegar. Mas o que sucede quando o hóspede chega sem ser convidado? Ou tarda em ir-se embora? O que fazer quando isto simplesmente nos acontece? Quer dizer, o que acontece quando nos sucedem coisas inesperadas e não procuradas? É fácil manejar o que tínhamos previsto, mas é mais difícil conceber o que não está previsto. Na complexidade do mundo, o inoportuno e o imprevisto são o pão de cada dia. Perante esta realidade, Innerarity afirma que uma vida fechada à interrupção dos imprevistos – à visita dos hóspedes que quebram a nossa concordância – seria uma tautologia autista. O instalado, o autosuficiente vê o outro, que não é igual a ele, como um invasor e atribui-lhe a culpa de todos os seus males; em vez de se aproximar dele e de encontrar pontos de encontro, am-

plifica as distâncias, prolonga os silêncios e ruma interna e externamente os seus prejuízos. A qualidade de um bom anfitrião encontra expressão no esforço de estar continuamente com o coração e a mente abertos e possuir palavras de ânimo e apreço e braços também que auxiliem os que o rodeiam. Não se trata de um 'vale tudo', mas entender que a pessoa é maior que as suas certezas e erros e, por isso, temos que estar dispostos a 'desinstalar-mo-nos' (p.168), a desprendermos dos pontos de vista particulares, das derivas e apegos, dos esconderijos ergonómicos que incrementam o comodismo material e anímico. Ser um bom anfitrião – uma ética sustentada na hospitalidade – é ser desprendido de si próprio, encontrando na decepção um meio de tranquilizar o desejo.

O capítulo 12, concretamente, é dedicado à economia. Daniel Innerarity sugere uma economia da hospitalidade, salientando que um dos excessos do capitalismo é a exclusão social manifestada através do desemprego, da marginalização laboral e falta de equidade fiscal que, entre outros aspectos, desumanizam a sociedade. A evidência de que o crescimento económico não resolve automaticamente a distribuição da riqueza tornou clara a nossa carência de referências éticas para articular a solidariedade, produzindo a economia exclusões que não conseguimos compreender nem corrigir. O aumento do desemprego e a aparição de novas formas de pobreza adquiriram dimensões e formas inéditas e, de acordo com Innerarity, surgiram actualmente dois problemas especialmente graves: a desagregação dos princípios organizadores da solidariedade e o fracasso da concepção tradicional dos direitos sociais no momento de oferecer um quadro satisfatório para pensar a situação dos excluídos (p.204). Frente a estas fracturas sociais, já não se trata de (re)legitimar o estado, mas como assegurar a coesão social. Para entender e actuar nesta situação, continua o autor, já não vale a teoria da crise do Estado Providência, nem o eixo do debate não é a oposição entre o público e o privado, são os próprios princípios organizadores da solidariedade que estão no centro da nova questão social. A pobreza actual resulta especialmente insólita, porque finaliza decénios de aparente homogeneização da sociedade impulsionada pelo irreversível crescimento económico. Assim, segundo esta opinião, superar

a crise de emprego sobretudo depende de um trabalho da sociedade sobre ela mesma, através da modificação de comportamentos e funcionamentos sociais que desdobram o económico no sentido estrito e que o autor engloba neste livro sobre o termo genérico de hospitalidade.

Um aspecto fundamental desta abordagem da ética como o imperativo da hospitalidade diante da transformação da experiência da modernidade é que a reflexão sobre a ética contemporânea deve evitar a tentação de transplantar esquemas explicativos do passado sem analisar a realidade de hoje. E deverá também evitar a tentação ideológica, em virtude da qual se pretende reatualizar critérios clássicos que não passam de camuflagens para impor visões parciais sobre o que se considera verdadeiro. O imperativo é, pelo contrário, uma reflexão aberta à imprevisibilidade, que exige criatividade e serenidade. Sendo assim, como alcançar uma proposta ética que, sem renunciar a um sentido universal, permita o dialogismo e a compreensão entre pessoas diferentes? A questão que precisa ser repensada é a necessidade de poder dar respostas, no plano ético, a um mundo que se apresenta sustentado por múltiplas cosmovisões e convicções, algumas delas opostas entre si.

Neste livro fecundo e intenso, Daniel Innerarity aborda a necessidade de reconhecimento por que passa o ser humano para orientar a ética num tempo em que a humanidade se tornou mais vulnerável. É neste sentido que o autor encontra na hospitalidade uma categoria universal para interpretar a condição humana no mundo de hoje. A principal mensagem crítica do livro é que não nos devemos defender contra a sociedade, mas devemos defendê-la, cuidar o seu tecido social para a realização da nossa própria identidade. Trata-se, portanto, de uma ética da salvaguarda que encontra, diante da fragilidade, uma reformulação das prisões dos imperativos morais, uma ética atenta à epifania da realidade, como se faz a um hóspede que não se quer controlar como um refém.

Rosa da Primavera de Castro
Instituto Superior Miguel Torga